

## Apresentação

Os artigos desse número da Revista *Illuminuras* tratam das imagens que configuram o mundo cotidiano em sua dimensão temporal e espacial, em suas perspectivas narrativas e reflexivas.

Os dois artigos que abrem, trazem a dramática das imagens construídas nas narrativas que configuram identidades étnicas e políticas.

Em “Etnografando narrativas étnicas no espaço da cidade: os negros e as ações afirmativas na sociedade brasileira contemporânea”, das autoras Margarete Fagundes Nunes e Ana Luiza Carvalho da Rocha trazem um estudo etnográfico na cidade de Novo Hamburgo com complexo compartilhamento de imagens no processo de formação e consolidação de seus grupos sociais.

O artigo compartilha as imagens que configuram a sobreposição temporal desses grupos que animam a vocação industrial da cidade. Mas é em torno dos arranjos sociais das levas de grupos negros que as autoras se dedicam a análise dos dados etnográficos para tratar do tema da memória desses grupos. Através de que imagens e narrativas étnicas essa memória pode sair da invisibilidade? Desvencilhar essas tensões e conflitos para conceber a memória coletiva de uma cidade, nos é colocado nessa singular trama de ritmos temporais, locais e globais, que revelam uma cidade em suas dinâmicas.

O artigo que segue, traz outra dramaticidade de imagens que revelam a descontinuidade da previsibilidade da vida em uma cidade. Agora se trata de imagens vinculadas a cultura do terror e do medo. Uma memória subterrânea e lembranças aniquiladas são constantemente confrontadas a um discurso oficial da história da cidade que através de políticas de *gentrification* acaba por engendrar o esquecimento dos eventos vividos em passado recente: o da ditadura militar. Em “Um olhar à cidade de Belém sob o Golpe de 1964: paisagens e memórias de estudantes e artistas”, Raquel Cunha e Flávio Leonel Silveira trazem as imagens que ressoam na memória coletiva da cidade de Belém através da narrativa de intelectuais e militantes que conheceram os processos de constrangimentos dos anos de chumbo. Os lugares da memória subjugada (prédios administrativos e públicos) são evocados por estes protagonistas e por documentos consultados pelos autores que trazem à tona, na forma de relato etnográfico, os eventos “ressignificados” na qualidade interpretativa do tempo presente.

Na contra face a esses episódios críticos, as imagens do cotidiano revelam nos próximos artigos a força dos sentidos de ritmos de tempo em sua continuidade, em que a memória coletiva de um grupo social é vivida em sua efervescência de sociabilidades e na transmissão de valores sócio-culturais. No artigo de Marilu Albano da Silva intitulado “Cozinha: espaço de relações sociais”, o trabalho da memória é tecida em torno da aura da cozinha em uma localidade singular no interior do estado do Rio Grande do Norte. Com uma pesquisa etnográfica densa, a autora reconstrói gestos, *habitus*, práticas e saberes em torno das práticas no espaço doméstico como o cozinhar. A autora traz essa dimensão da vida simbólica no afeto ao lugar doméstico que congrega sentimentos e tradições da vida familiar, da rede de amigos e vizinhos. Os objetos, receitas, os rituais de cozimento e de consumo, as conversas na sacada e no pátio, revelam esses jogos de memória que a vida comum e rotineira revela. Cozinhar, guardar, escolher condimentos e objetos, divulga a importância de cada gesto e costume para compartilhar da memória.

A força da tradição, que figura uma antiga prática de sociabilidade, é destaque no artigo sobre a reinvenção da arte de colecionar. Em um artigo bastante instigador que emerge do campo científico de interface a uma antropologia do consumo, a Administração, os autores João Pedro dos Santos Fleck e Carlos Alberto Vargas Rossi

nos trazem a experiência da produção de um vídeo-etnografia. Com pesquisa em Porto Alegre, o artigo constrói uma rede de colecionadores de discos vinis, os vinileiros, que se tornam os interlocutores dessa prática de troca e rede de comunicação.

Conhecemos no processo contemporâneo do consumo e era da informatização a forma acelerada com que produtos que adquirimos para o lazer e entretenimento como o consumo da música gravada, conhecem novos suportes de fabricação. A acelerada mudança da tecnologia provoca grande impacto no mercado de novidades. Mas um olhar atento ao movimento com lógica de troca social, de reciprocidade, encontra nos colecionadores de vinis uma cultura com razão simbólica e não apenas pragmática. O vídeo documentário percorre a trajetória dos pontos de venda para ali encontrar seus clientes devotos. Seus depoimentos revelam paixões, cultos, aficionados pelo gesto de colecionar esse bem precioso que guarda em sua essência os valores de uma época, as referências de identidade de uma geração. Na circulação do objeto com “mana” como diria Marcel Mauss, a memória coletiva musical de uma geração é narrada a outras, e nessa mistura, a eficácia simbólica do gesto de trocar e colecionar.

Finalmente, o leitor poderá ater-se a leitura do artigo intitulado “Braços cortados, o realismo fílmico e a antropologia visual” de Peter Anton Zoetl. Para os organizadores, este artigo se coloca como uma proposta de fundamentar a força com que o trabalho com imagens fílmicos e fotográficas tomaram lugar no mundo contemporâneo. O artigo segue percursos de intelectuais que pensam as imagens como questões epistemológicas que são desencadeadas em suas produções. O debate sobre o objetivismo e a realidade é perpassada por autores como Bazin, Bourdieu, Flusser, Barthes. Na análise de cineastas contemporâneos, as questões colocadas pela modernidade científica. A trajetória da política intelectual fílmica e o percurso realizado pelos paradigmas antropológicos são entrecruzados pelo evento tecnológico, político, social. Nessas inter-relações, o que está em pauta é o filme etnográfico. Por fim, pensá-lo como projeto contemporâneo no campo hermenêutico, amplia sua força de circulação do conhecimento antropológico e sua qualidade dialógica e compartilhada.

Cornelia Eckert